



**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM TÊXTIL E MODA**

CLAUDIA IRENE DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO DESIGNER NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA MODA**

AMERICANA, SP

2024

CLAUDIA IRENE DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO DESIGNER NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA MODA**

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia de Americana “Ministro Ralph Biasi”.

Área de concentração: Consumo de moda

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

AMERICANA, SP

2024

SILVA, Claudia Irene da

A importância do designer na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na moda. / Claudia Irene da Silva – Americana, 2024.

51f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - - Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

1. Comportamento do consumidor 2. Confeção – roupas infantis 3. Inclusão social. I. SILVA, Claudia Irene da II. ROMANATO, Daniella III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi

CDU: 658.89

687.13

316.3

Elaborada pelo autor por meio de sistema automático gerador de ficha catalográfica da Fatec de Americana Ministro Ralph Biasi.

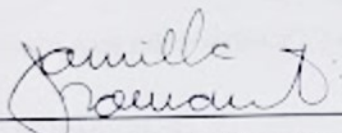
CLAUDIA IRENE DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO DESIGNER NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA MODA

Trabalho de graduação apresentado
como exigência parcial para obtenção
do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda
em 2024 pelo CEETEPS/Faculdade de
Tecnologia – FATEC/ Americana.

Data de aprovação: 17/06/2024

Banca Examinadora:



Daniella Romanato (Presidente)

Mestre

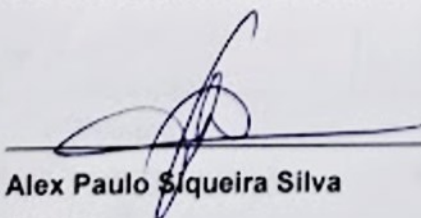
Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Maria Adelina Pereira

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Alex Paulo Siqueira Silva

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, Pâmela, Vinicius e Murilo que sempre estiveram ao meu lado nessa jornada, e me fizeram acreditar que eu sou capaz de conquistar meus sonhos, que levem para vida meu exemplo e nunca desistam dos seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi uma jornada desafiadora e gratificante, e não seria possível sem o apoio e a colaboração de muitas pessoas às quais sou imensamente grato.

Primeiramente, agradeço a Deus, por me dar saúde, sabedoria e força para concluir mais esta etapa da minha vida acadêmica.

À minha família, em especial aos meus filhos, Pamela, Vinícius e Murilo, pelo amor incondicional, pelo suporte emocional, e por sempre acreditarem em mim, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha amiga Cristina de Castro que esteve ao meu lado por toda essa jornada, incentivando e dando apoio incondicional

À minha orientadora, Daniella Romanato, pela paciência, orientação, incentivo e dedicação ao longo de todo o processo. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Aos professores e colegas do curso de Textil e Moda pela troca de conhecimentos, experiências e pelo apoio mútuo durante todos esses anos.

Aos meus amigos e familiares por compreenderem minhas ausências, por todas as palavras de incentivo e por estarem sempre ao meu lado, compartilhando tanto os momentos de alegria quanto os de dificuldade.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste TCC, meu sincero muito obrigado. Cada um de vocês teve um papel importante nesta conquista.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visa investigar a importância do design na inclusão social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordando como a sensibilidade a cores, modelagens (seja de roupas soltas ou largas, dependendo da criança) e, principalmente ao toque afetam a experiência dessas crianças com o vestuário. A pesquisa visa encontrar soluções para minimizar desconfortos que podem desencadear crises, pesquisando novas tecnologias têxteis para encontrar soluções e assim melhorar a experiência dessas crianças com o vestuário. O desafio para os designers é desenvolver produtos que melhorem o cotidiano das crianças com TEA, reduzindo incômodos e facilitando o trabalho dos cuidadores. A motivação para o estudo surgiu da experiência pessoal com meu neto autista, enfrentando dificuldades constantes para mantê-lo vestido. A pesquisa se propõe a compreender melhor o TEA e as necessidades das crianças, analisando suas necessidades e buscando soluções para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos. Os objetivos serão alcançados através de uma revisão bibliográfica abrangente.

Palavras-chaves: Design de moda; Inclusão social; Autismo.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to investigate the importance of design in the social inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), addressing how sensitivity to colors, modeling (whether loose or baggy clothes, depending on the child) and, mainly to touch affect these children's experience with clothing. The research aims to find solutions to minimize discomforts that can trigger crises, researching new textile technologies to find solutions and thus improve these children's experience with clothing. The challenge for designers is to develop products that improve the daily lives of children with ASD, reducing discomfort and making the work of caregivers easier. The motivation for the study arose from personal experience with my autistic grandson, facing constant difficulties in keeping him dressed. The research aims to better understand ASD and the needs of children, analyzing their needs and seeking solutions to improve the quality of life of these individuals. The objectives will be achieved through a comprehensive literature review.

Keywords: Fashion design; Social inclusion; Autism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sinais de autismo.....	12
Figura 2 – Níveis de autismo.....	14
Figura 3 – Símbolos do autismo.....	15
Figura 4 – Símbolos do autismo.....	21
Figura 5 – Etiquetagem	24
Figura 6 – Texturas que devem ser evitadas	26
Figura 7 – Visão fragmentada	29
Figura 8 – Visão fragmentada	30
Figura 9 – Psicologia das cores	31
Figura 10 – Codificação de cores.....	33
Figura 11 – Roupas estampadas	34
Figura 12 – Estampa silkada e sublimada, e detalhe das texturas.....	34
Figura 13 – O que funciona para um, pode não funcionar para o outro	36
Figura 14 – Calça com cintura ajustável por botões e elástico com casa	37
Figura 15 – Camiseta e porta crachá da Alma Azul	39
Figura 16 – Conjunto sensorial e colete ponderado da Amigo Panda.....	39
Figura 17 – Info-produtos e camisetas da Família Tagarela	40
Figura 18 – Peças feitas pela Texugo numa <i>collab</i> com a FAZ (2022).....	41

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	o Transtorno do Espectro Autista (TEA)	12
2.1	Graus de Autismo	14
2.2	Terapias.....	15
2.3	A importância da inclusão social	18
3	As dificuldades da relação entre as crianças com TEA e as roupas	19
3.1	Roupas ideais para crianças com TEA.....	20
3.1.1	Modelagem e ergonomia ideal para crianças com TEA.....	21
3.1.2	Tecidos, texturas e aviamentos ideais para crianças com TEA ..	24
3.1.3	Cores ideais para crianças com TEA	28
4	Construindo um guarda-roupa adequado para autistas	36
4.1	Análise de marcas que vendem roupas para crianças com TEA	37
5	Conclusão	42
	Referências	44
	Apêndice 1 – Pesquisa sobre a dificuldade do autista com o vestuário	48

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que atualmente a inclusão social tem sido um assunto amplamente discutido em todo o mundo. O desejo de melhoria na qualidade de vida de pessoas com necessidades especiais é compartilhado pela maior parte da sociedade moderna. Encontrar soluções para problemas comuns, mas que causam grande impacto na vida dessas pessoas, tornou-se um dos objetivos da sociedade.

Nessa pesquisa deseja-se explorar a importância do designer na inclusão social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A experiência do Autista com o vestuário é muito difícil, pois eles são muito sensíveis a cores, modelagens (seja de roupas soltas ou largas, dependendo da criança) e, principalmente ao toque em que, muitas vezes, desencadeiam crises a partir de uma simples etiqueta que o está incomodando. Pensando nessas dificuldades de adaptação dos Autistas que essa pesquisa foi desenvolvida, visando encontrar soluções para adaptar o vestuário as necessidades deles.

Ao questionar como o designer de moda pode usar seu conhecimento para melhorar a experiência de crianças com TEA com o vestuário, abre-se uma extensa gama de possibilidades.

Com as novas tecnologias na área têxtil, as tecelagens produzem tecidos mais macios e agradáveis ao toque, enquanto na área de confecção novas modelagens e aviamentos mais suaves podem proporcionar uma experiência muito mais agradável as crianças com TEA, assim como estudos da área da saúde, principalmente na psicologia, pode-se diminuir os efeitos que determinadas cores podem causar nestas crianças.

Dessa maneira o designer é desafiado a criar produtos que influenciem positivamente no cotidiano dessas crianças, pois como disse o Dr. Leonardo Maranhão, “o Autismo é ver o mundo de outro jeito, e cada um de nós temos que achar um jeito de entender as diferenças”.

Existe uma grande dificuldade para os cuidadores mantê-las vestidas, pois elas são muito sensíveis ao toque e ao sentir qualquer incômodo elas, muitas vezes, tiram suas roupas e tentar impedi-las pode desencadear crises. Com base nisso deve-se pensar em maneiras de diminuir ao máximo estes incômodos.

A decisão de pesquisar este tema veio a partir de minha experiência com meu neto Luiz, ele hoje está com 4 anos é autista não verbal. A dificuldade para mantê-lo vestido é real e constante, ao sentir qualquer incômodo ele tira a roupa e vesti-lo novamente é um desafio de grande impacto emocional para ele e para o cuidador.

Desta forma, deseja-se desenvolver uma pesquisa que busque soluções e atenda ao máximo as necessidades das crianças com TEA, isso torna-se extremamente importante para o desenvolvimento e melhora na qualidade de vida do Autista.

Para isso, a pesquisa deverá explorar o que é e o que causa o TEA, a fim de ajudar a compreender melhor suas necessidades e dificuldades da relação destas crianças com as roupas, para que se possa buscar modelagens, aviamentos, tecidos e cores que melhor as atendam. Neste sentido, se faz importante analisar marcas que vendem roupas para crianças com TEA para se ter uma visão mais ampla do que já está disponível no mercado e o que pode ser melhorado.

Os objetivos dessa pesquisa serão pesquisados através de bibliografias, com base em livros, artigos científicos e sites especializados no assunto.

2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Os estudos sobre o autismo iniciaram quando Eugen Bleuler, um psiquiatra suíço, buscava descrever características da esquizofrenia. Em 1911 Bleuler (2005 apud Brito; Vasconcelos, 2016, p. 24) teria utilizado o termo “autismo” para descrever um sintoma de esquizofrenia definido como “desligamento da realidade combinado com a predominância relativa ou absoluta da vida interior”. Já a primeira descrição clínica do transtorno autista surgiu em 1943, pelas mãos do psiquiatra austríaco Leo Kanner, através do trabalho intitulado “As perturbações autísticas do contato afetivo” (Kanner, 1943 apud Brito; Vasconcelos, 2016, p. 24).

De acordo com Gadia (et al., 2004 apud Teixeira, 2013, p. 19), neste estudo, Leo Kanner utilizou o termo “autismo” ao observar um grupo de crianças com características como isolamento social, dificuldade na comunicação, rigidez em seguir rotinas, interesse intenso por objetos e habilidades cognitivas preservadas.

Figura 1 – Sinais de autismo



Fonte: PINTEREST, 2024.

Neste sentido, segundo Lima (2022, p. 9), o autismo é uma condição de saúde que se destaca por dificuldades em diversos aspectos do desenvolvimento humano. Há diferentes formas dessa condição que se revelam de maneira única em cada indivíduo, mostrando que cada pessoa autista é única em suas características.

Atualmente, Yargi (2017, p. 21 apud Lima, 2022, p. 9) aponta que o número de pessoas diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) está crescendo, sendo considerado um transtorno neurológico que se manifesta ao longo da vida, com sintomas que surgem desde a infância, trazendo limitações significativas ao longo da vida.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. Sinais de alerta no neurodesenvolvimento da criança podem ser percebidos nos primeiros meses de vida, sendo o diagnóstico estabelecido por volta dos 2 a 3 anos de idade. A prevalência é maior no sexo masculino. (Secretaria da Saúde do Governo do Estado do Paraná, s/d.)

Desta forma, identificar rapidamente comportamentos que possam caracterizar que uma pessoa sofre de TEA, como atrasos no desenvolvimento, e fazer o encaminhamento para intervenções comportamentais e apoio educacional na idade mais precoce possível, pode levar a melhores resultados a longo prazo.

Segundo o site da Secretaria da Saúde do Governo do Estado do Paraná (S/d.), as causas que geram este transtorno ainda permanecem desconhecidas.

Evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais. A interação entre esses fatores parece estar relacionada ao TEA, porém é importante ressaltar que “risco aumentado” não é o mesmo que causa fatores de risco ambientais. Os fatores ambientais podem aumentar ou diminuir o risco de TEA em pessoas geneticamente predispostas. Embora nenhum destes fatores pareça ter forte correlação com aumento e/ou diminuição dos riscos, a exposição a agentes químicos, deficiência de vitamina D e ácido fólico, uso de substâncias (como ácido valpróico) durante a gestação, prematuridade (com idade gestacional abaixo de 35 semanas), baixo peso ao nascer (< 2.500 g), gestações múltiplas, infecção materna durante a gravidez e idade parental avançada são considerados fatores contribuintes para o desenvolvimento do TEA.

Apesar dos esforços da comunidade científica, Bandeira (2021) afirma que “é importante ressaltar que o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) não é uma doença, mas sim uma condição do neurodesenvolvimento e, por isso, não existe cura”, mas com os avanços nas pesquisas e aperfeiçoamento de tratamentos e terapias, a convivência do autista em sociedade pode chegar bem próximo aquilo que é considerado normal e saudável.


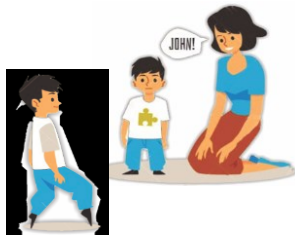

2.1 Graus de Autismo

Como já mencionado, “o diagnóstico de TEA é essencialmente clínico, feito a partir das observações da criança, entrevistas com os pais e aplicação de instrumentos específicos” como explica o portal do Ministério da Saúde (S/d.).

Instrumentos de vigilância do desenvolvimento infantil são sensíveis para detecção de alterações sugestivas de TEA, devendo ser devidamente aplicados durante as consultas de puericultura na Atenção Primária à Saúde. O relato/queixa da família acerca de alterações no desenvolvimento ou comportamento da criança tem correlação positiva com confirmação diagnóstica posterior, por isso, valorizar o relato/queixa da família é fundamental durante o atendimento da criança. (Ministério da Saúde, S/d.)

No sentido do diagnóstico, de acordo com Lima (2018, p. 26-27), o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) pode ser classificado conforme o grau de dependência e/ou necessidade de suporte. Estes graus ou níveis podem ser considerados:

Figura 2 – Níveis de autismo

	Comunicação e Interação	Comportamentos restritos e repetitivos	
Nível 1 Leve	Neste nível pode-se perceber problemas na comunicação e interação social , mas isto não é empecilho para que a pessoa interaja socialmente nem deixe de desempenhar suas funções, portanto, apesar de considerado leve, para lidar com a criança neste nível, é necessário oferecer um certo apoio , pois sem ele, a comunicação social fica prejudicada. O tom de voz deles também pode parecer robótico ou estranho. Pessoas com distúrbios leves do espectro autista têm inteligência normal e, em alguns casos (cerca de 10% de todos os autistas diagnosticados), pontuam bem acima do normal nos testes de QI. Apesar disso, eles podem ter dificuldades com algumas tarefas, especialmente aquelas que exigem decisões repentinas ou que alterem rotinas regulares. É importante notar que muitas pessoas com autismo são consideradas talentosas e podem se destacar em suas áreas de interesse .	No que se diz respeito aos comportamentos restritos e repetitivos das crianças com TEA do nível 1, pode-se dizer que eles são inflexíveis , o que causa uma certa interferência no funcionamento de algumas situações e contextos, além da dificuldade de trocar de tarefa, problemas com organização e planejamento dificultam muito no processo de independência da criança. Eles podem ter um interesse apaixonado por um único tópico .	
Nível 2 Moderado	Neste nível o autista precisa de apoio substancial e ainda assim, mesmo na presença de apoio, persistem graves problemas na comunicação social verbal e não verbal, necessitando de suporte para o aprendizado. Limitação ao tentar dar início às interações sociais com respostas mínimas ou anormais quando outras pessoas dão abertura para tais interações, resultando assim em prejuízos notáveis na interação social das pessoas que estão no nível 2 do TEA.	No que se diz respeito aos comportamentos restritos e repetitivos das pessoas com TEA pode-se dizer que eles têm uma inflexibilidade nos comportamentos , apresentam dificuldades em aceitar mudanças e tais comportamentos repetitivos/restritivos surgem numa frequência que chega a ser perceptível para qualquer observador, chegando a interferir em diversas situações e contextos no dia a dia, além de terem também uma certa dificuldade/sofrimento em mudar de foco ou de ações . Têm alguma fixação em certos comportamentos, havendo repetição de hábitos como andar na ponta dos pés ou girar em torno de si ou de outros.	
Nível 3 Severo	Neste nível, o autista exige o máximo de apoio substancial nas tarefas do dia a dia, como vestir-se, alimentar-se e fazer a higiene pessoal, pois eles frequentemente não são capazes de viver de forma independente . Sua comunicação verbal é prejudicada já que ele possui déficits graves na comunicação verbal e não verbal, causando graves prejuízos sociais ao se limitar a iniciar ou manter uma interação; e ainda, quando esta interação parte de terceiros, a resposta deles é considerada mínima. Aproximadamente 40% das crianças com TEA de nível 3 não aprendem a falar, e aquelas que são verbais têm grande dificuldade em usar as palavras para se comunicar.	De forma geral, os comportamentos repetitivos/restritos do indivíduo com TEA do nível 3 interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas de sua vida, além de ter inflexibilidade de comportamentos e extrema dificuldade/sofrimento ao lidar com mudanças ou mudar de foco e ações. Se forçado a lidar com uma mudança na rotina, o indivíduo pode ficar chateado ou com raiva . Além disso, a incapacidade de comunicação e a sobrecarga sensorial podem levar à frustração e a comportamentos agressivos ou prejudiciais em relação a si e aos outros.	

Fonte: Da autora, 2024.

Devido ao fato de que o autista tem como principais características, o isolamento social e a dificuldade de compreensão, para representar este transtorno, em 1963, de acordo com o site da empresa *Jade Autism* (S/d.), foi escolhido um símbolo com uma peça solta de um quebra-cabeça “com a imagem de uma criança chorando, representando a ideia de que crianças com autismo não se encaixavam na sociedade, como uma verdadeira peça solta do jogo. E o choro, portanto, simbolizava esse sofrimento”. Com o tempo, devido aos questionamentos, o símbolo foi alterado para um com quatro peças encaixadas de um quebra-cabeça. “Nessa opção, a ideia foi mostrar os diferentes espectros, a complexidade do autismo e como tudo isso se encaixa de forma perfeita. Esse, portanto, continua a ser um símbolo utilizado”.

Assim como o quebra-cabeça, a cor azul foi escolhida para representar o TEA devido ao grande número de diagnósticos em meninos – 4 meninos para cada 1 menina no espectro.

Figura 3 – Símbolos do autismo



Fonte: PINTEREST, 2024.

2.2 Terapias

Como já mencionado, o TEA não é uma doença, mas sim uma condição do neurodesenvolvimento e, por isso, não existe cura, mas as terapias são uma alternativa de tratamento, que tem como maior objetivo fazer com que “cada pessoa tenha seus desafios de aprendizado identificados e trabalhados de maneira saudável, e sempre adaptados à realidade na qual vivem. Com isso, cada pessoa pode crescer com sua independência e atingir todo o seu potencial” (Bandeira, 2021).

Ainda de acordo com Bandeira (2021), as cinco intervenções mais comuns no autismo:

- **Fonoaudiologia (64%):** Intervenção mais citada no estudo, a fonoaudiologia consiste em terapias com objetivo de trazer melhoras na comunicação oral, escrita, voz, audição e equilíbrio. Por meio dela, o profissional atua em pesquisa, orientação, perícias, prevenção, avaliação, diagnóstico e tratamento fonoaudiológico nestas áreas. No caso do autismo, a alta procura se dá pelo fato de que pessoas no espectro apresentam dificuldades na comunicação, especialmente a fala.



- **Terapia ocupacional (59%):** Já a terapia ocupacional, que foi a segunda intervenção mais citada no estudo, é a área responsável por promover saúde e bem-estar de pessoas com problemas sensoriais, motores e físicos. Quando aplicada ao autismo, a terapia ocupacional utiliza tecnologia e atividades diversas que pretendem buscar autonomia e melhorar a adaptação da vida social daquele indivíduo.



- **Terapia comportamental (ABA) (42%):** As terapias que seguem os princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) são as mais indicadas pela OMS para pessoas com desenvolvimento atípico, especialmente o autismo. Isso porque, quando aplicada ao TEA, as estratégias têm se mostrado eficientes na aquisição de novas habilidades e redução de comportamento prejudiciais. Na equipe multidisciplinar, a especialização em ABA não é exclusiva dos profissionais da psicologia. No entanto, a família precisa tomar algumas precauções na hora de escolher profissionais e clínicas para as intervenções.



- **Acompanhamento pedagógico (39%):** Toda pessoa no espectro do autismo tem direito à educação. Por esse motivo, o acompanhamento pedagógico é essencial para garantir que cada um tenha suas individualidades e necessidades respeitadas. É dever do profissional de acompanhamento pedagógico avaliar de perto e individualmente o desempenho de cada aluno para fornecer estratégias personalizadas. Vale lembrar ainda que, de acordo com a lei 12.764/12 (conhecida como Lei Berenice Piana), alunos com autismo têm direito a um acompanhante pedagógico especializado fornecido pelo colégio.



- **Fisioterapia ou atividade física (25%):** O desenvolvimento motor também pode ser afetado em pessoas com espectro autista. E a coordenação motora fina e grossa são essenciais para muitas atividades, como escrever, por exemplo. Por esse motivo, profissionais da fisioterapia e atividade física também podem compor a equipe multidisciplinar de atendimento da pessoa autista. Vale lembrar que, assim como nas outras terapias, é preciso que haja adaptações de acordo com a necessidade da pessoa assistida. Além dessas, existem outras intervenções que também podem fazer parte das terapias para pessoas com TEA. Como:



- Equoterapia;
- Gameterapia;
- Musicoterapia.



2.3 A importância da inclusão social

Em 2022, no artigo “Desenvolvimento de vestuário para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)” (2022), escrito por um grupo Furioso (aluna), Dockhorn (professora) e Azevedo (psicóloga), do Instituto Federal do Paraná, é destacada a importância da inclusão social, que no campo da moda é chamada de moda inclusiva.

No artigo eles citam leis que protegem os direitos dos autistas como:

- A Lei nº 13.861/2019, que inclui autismo nos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo contabilizado a partir de 2020 os dados oficiais sobre as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, possibilitando saber quantas pessoas no Brasil apresentam o Transtorno Autista e como elas estão distribuídas pelo território;
- A Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista que tem por diretriz o diagnóstico precoce, para que sejam asseguradas de todos os direitos legais que possuem. A lei também assegura o acesso a ações e serviços de saúde (incluindo atendimento multiprofissional, diagnóstico, medicamentos, nutrição adequada e a terapia nutricional) e acesso à educação e ensino profissionalizante, moradia, mercado de trabalho e à previdência social e assistência social.

A nível mundial, em 2007, a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou o dia 02 de abril como “Dia Mundial de Conscientização do Autismo”, com o objetivo de enfatizar a importância de conscientizar e respeitar pessoas com autismo. Em 2019, o secretário-geral, António Guterres, “reforçou o compromisso de incluir de modo pleno as pessoas com autismo, apoiando para que pessoas com Transtorno do Espectro Autista tenha uma vida independente e que possam exercer os seus direitos humanos básicos” (Furioso, et al., 2022, p. 7).

3 AS DIFICULDADES DA RELAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS COM TEA E AS ROUPAS

De acordo com Silva et al. (2018, p. 80 apud Lima, 2022, p.10), crianças com o desenvolvimento normal, desenvolvem as habilidades motoras naturalmente, e, com o auxílio de seus cuidadores, por volta dos 4 anos a maioria já saberá fazer o básico como vestir-se, escovar os dentes, lavar as mãos, comer e ir ao banheiro. Com 6 anos, já é capaz de fazer estas tarefas sozinho.

Como visto no capítulo 2.1, que fala dos graus do autismo, as crianças com TEA, segundo Lima (2022, p.10), têm dificuldade para aprender habilidades básicas sem receber ajuda ou sem serem ensinadas, tornando-se um grande desafio para pais, cuidadores, professores e sociedade.

Neste sentido, na relação dos autistas com as roupas, implicando no ato de vestir ou despir-se, Furioso et al. (2022, p. 9-10) afirmam que é preciso atenção a forma com que eles respondem a estímulos sensoriais (olfativo, visual, auditivo, tátil, vestibular e gustativo), pois podem sofrer com “hipersensibilidade (alta sensibilidade a estímulos sensoriais) ou hiposensibilidade, ou seja, baixa sensibilidade a estímulos sensoriais”. Estas sensibilidades podem causar sensações desagradáveis, levando a mecanismos de defesa como “a atenção superseletiva (direcionar a atenção para apenas um estímulo por vez) e ações comportamentais como não manter contato visual, manter-se em movimento repetitivos e reações de agressividade impulsiva”. No caso da hipersensibilidade, esta pode se manifestar “através de uma percepção intensificada dos cheiros, de uma visão distorcida de objetos brilhantes, da focalização em pequenos detalhes, da percepção ampliada de ruídos, e através do toque, que pode se tornar doloroso e desconfortável”.

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, pg. 50), em que são apresentados os critérios para ser diagnosticado o Transtorno do Espectro Autista, é abordado como critério a reação do indivíduo aos estímulos sensoriais, que é denominado hiper ou hipo reatividade. Aspectos como passividade à dor e à temperatura, reações inesperadas ao entrar em contato com certas texturas e sons, fascinação por cheiros, luzes, movimentos e objetos, apresentando interesses fixos e exclusivos são um dos atributos sensoriais que é observado ao se fazer o diagnóstico de TEA. Por conta de maior sensibilidade aos estímulos externos a criança autista pode ficar angustiada e ansiosa, podendo ter crise de choro, agitação e agressividade dirigida aos outros ou a si mesmo (Posar; Visconti, 2018 apud Furioso et al., 2022, p. 10).

3.1 Roupas ideais para crianças com TEA

No campo do têxtil e da moda, a moda inclusiva é aquela que dá “o direito e possibilidade de qualquer pessoa se vestir com qualidade e conforto nos quesitos ergonômicos e estéticos, respeitando as particularidades de cada indivíduo” (Souza et al. 2017 apud Furioso et al. 2022, p. 3).

Como mencionado anteriormente, as pessoas com TEA, principalmente as crianças, podem sofrer com hipersensibilidade a estímulos sensoriais, podendo estes serem causados pelas roupas que vestem, gerando preferências ou aversão a elas.

Conforme a obra “Aspectos Históricos das pessoas com deficiência no contexto educacional: rumo a uma perspectiva inclusiva”, de 2014, por Fernando Machado e Juliano Nazari, as crianças com TEA desenvolvem preferências sensoriais únicas, as quais desempenham um papel significativo em sua relação com a moda e as roupas. Enquanto algumas podem demonstrar interesse por texturas e sons, outras podem ser sensíveis a etiquetas e diferentes sensações táteis. Nesse contexto, os pais dessas crianças procuram principalmente por roupas de qualidade, fáceis de vestir e adaptadas à realidade de seus filhos. Além disso, é crucial que o vestuário destinado a esse público tenha um apelo sensorial e estético que atenda às suas necessidades. (Kikuti, 2024)

Pensando nas preferências e necessidades de cada criança, Giesbrecht (2023) sugere que, para reduzir a ansiedade e melhorar a tolerância sensorial, seja feito o uso de um menu visual de opções de roupas, ou seja, que sejam dadas escolhas limitadas (por exemplo, entre duas roupas apropriadas).

Ainda de acordo com Giesbrecht (2023), pais e profissionais podem ajudar as crianças com autismo “estabelecendo uma rotina e ensinando normas de vestimenta social”. Isso pode ser feito mostrando “como os outros se vestem em público ou usando imagens ou histórias sociais”.

Partindo-se destas percepções, os designers de moda que pretendam atender a este público, devem estar atentos as necessidades das crianças com TEA, e buscar soluções para seus problemas com o vestuário, procurando modelagens mais adequadas e ergonômicas sendo fáceis de vestir e despir, com espaços maiores para passar a cabeça, por exemplo, além de se preocupar com detalhes utilizando aviamentos e costuras suaves que não incomodem, etiquetas estampadas, tecidos macios com texturas agradáveis, estampas divertidas e cores suaves, são apenas algumas mudanças que impactariam de maneira positiva a vida da criança autista.

Neste sentido, para dar maior embasamento a este trabalho, foi realizada uma pesquisa (Apêndice 1), com 19 participantes, sobre a dificuldade de crianças autistas (de 1 a 15 anos) com o vestuário, cujas respostas colhidas serão inseridas nos próximos tópicos, juntamente com os dados colhidos nos sites e artigos consultados.

3.1.1 Modelagem e ergonomia ideal para crianças com TEA

Quando se trata de modelagem ideal para crianças com autismo, é importante considerar abordagens e técnicas que sejam sensíveis às necessidades específicas e preferências individuais dessas crianças.

Para Viana e Quaresma (2015 apud Lima, 2018, p. 35), pode-se subdividir o conforto no vestuário em aspectos fundamentais que são:

- **Conforto termo-fisiológico** que se refere ao estado térmico apresentado quando o material têxtil mantém-se em contato com a pele;
- **Conforto sensorial** que trata das sensações neurais transmitidas ao usuário pelo toque do tecido;
- **Conforto ergonômico** que acontece quando uma peça apresenta um bom vestir, lembrando que o conforto durante a vestibilidade está inteiramente ligado a liberdade de movimentos;
- **Conforto psico-estético** que se refere a oferta de bem-estar ao usuário quando existe certa percepção subjetiva de uma avaliação estética positiva, unindo os sentidos de visão, olfato, tato e audição.

Figura 4 – Símbolos do autismo



Fonte: Da autora, 2024.

Desta forma, a modelagem deve ser ampla dando liberdade aos movimentos, os decotes e as golas das camisetas e blusas de moletom, por exemplo, devem ser um pouco maiores ou dispor de algum artifício para aumento na hora de passar pela cabeça, sendo este um dos pontos de maior dificuldade relacionados a modelagem que pais, responsáveis, ou até mesmo, as próprias crianças, relataram na pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1). Este ponto também é relatado na pesquisa do trabalho de conclusão de curso feita por Julia Nycolack (apud Bem Paraná, 2023), uma aluna de design de moda de Curitiba, que, devido a chegada de um filho diagnosticado com TEA aos 9 meses, “debruçou nos estudos para entender os transtornos e direcionou a vida acadêmica para achar uma solução para o que incomodava seu filho, hoje com 5 anos”. A pesquisa colheu informações de 144 crianças para encontrar a medida certa para o tamanho do decote e gola que facilitassem a passagem da cabeça, principalmente de crianças entre 2 e 4 anos, que tem a circunferência maior (macrocefalia). A partir de seus estudos, Julia “Abriu a microempresa individual (MEI), a Tico e Tica *Sensory*, que nasceu com a missão de ofertar a inclusão social por meio de roupas infantis que dão conforto às crianças que, como Artur, têm autismo e o TPS relacionado ao toque na pele”.

Apesar disso, de acordo com o site *The shapes united* (S/d.), “algumas crianças com distúrbios de processamento sensorial adoram a sensação de estarem encapsuladas ou pesadas” (tradução nossa), preferindo roupas apertadas ou restritivas. Sobre este ponto, Julia Nycolack (apud Bem Paraná, 2023) também leva esta questão em conta, pois “alguns dos pequenos são hiporesponsivos e é necessário assegurar que nada aperte sobre a pele. Às que se mostram hiperresponsivas, o contrário: é importante que o tecido faça alguma compreensão”.

Caminha (2008, p. 50) destaca outra questão que implica na vestibilidade de crianças autistas que é o fato delas terem uma percepção distorcida de formas, cores, distâncias, sons, entre outras. “Na visão as distorções mais encontradas nos autistas são com relação à profundidade e à noção de espaço, como visão 2D, visão dupla e distorções de tamanho e movimento”, causando problemas “na compreensão dos limites físicos e na relação de seu corpo com os objetos no espaço. Por exemplo, um espaço pode ser percebido como maior ou menor do que seu tamanho real”.

Com isso, segundo o site *The shapes united* (S/d.), “para aqueles que lutam com problemas sensoriais, roupas apertadas ou restritivas devem ser evitadas”, assim como as muito largas, pois podem “dificultar a concentração dos indivíduos com TEA nas tarefas diárias” (tradução nossa). Deve-se apostar nas roupas confortáveis e práticas, que permitam facilidade na movimentação e auxiliem na ventilação, garantindo, também, conforto térmico.

Ainda de acordo com o site *The shapes united* (S/d.), uma opção para facilitar a vestibilidade independente por crianças com TEA são as roupas adaptáveis, que utilizam, por exemplo, botões magnéticos, fechos ajustáveis, cós elásticos e fechos de velcro (neste caso com ressalvas, devido a textura que pode ser incômoda). De acordo com Moller (2023), “roupas adaptáveis eliminam a necessidade de botões, zíperes ou cadarços complexos, simplificando o processo de vestir e promovendo a independência” e “promovendo um sentimento de autonomia e aumentando a autoconfiança”. “Além disso, esses recursos podem ser úteis para cuidadores ou pais que auxiliam no vestir-se, tornando o processo mais eficiente e menos estressante para todos os envolvidos” (tradução nossa).

Em relação ao conforto sensorial ligado a confecção de roupas direcionadas para crianças com autismo, Moller (2023) ressalta o cuidado que se deve ter com as costuras, principalmente as internas, que podem causar irritação da pele e no humor destas crianças.

Neste mesmo sentido, aconselha-se a substituição de etiquetas de tecido costuradas na parte interna das roupas, causando desconforto potencial pela fricção destas, principalmente, no pescoço ou nas costas, por informações estampadas ou sublimadas no avesso da roupa. Caso isso não seja possível, o site *Autism Response Team* (2023), recomenda que “em vez de cortar a etiqueta (o que pode deixar bordas/cantos irritantes), os pais e responsáveis devem remover a etiqueta inteiramente pelos fios” (tradução nossa).

Além de diminuir o desconforto, Moller (2023) afirma que a “ausência de costuras e etiquetas nas roupas reduz as distrações sensoriais e permite que os indivíduos com autismo se concentrem em outras atividades sem estarem constantemente conscientes de suas roupas” (tradução nossa).

Em relação as etiquetas, a pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1), afirma que as etiquetas de tecido costuradas na parte interna das peças, 68,4% dos entrevistados manifestaram este incomodo.

Figura 5 – Etiquetagem



Fonte: Da autora, 2024.

3.1.2 Tecidos, texturas e aviamentos ideais para crianças com TEA

Como já mencionado, segundo o site *Autism Response Team* (2023), pessoas com TEA apresentam sensibilidades aumentadas, portanto, tendem a ser sensíveis a certas texturas, tecidos e aviamentos, podendo acalmar ou irritar, como no caso, por exemplo, de “um suéter que coça podem causar um colapso”, e, neste caso, “se seu filho não fala, você prestará muita atenção à interação física dele com o tecido ou à área do corpo onde ele o irrita”.

A pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1), afirma que 68,4% dos entrevistados têm como maior dificuldade em relação ao vestuário dependendo do tecido usado em sua confecção, sendo os mais incômodos o poliéster (42,1%), seguido da lã (31,6%) e do jeans (26,3%).

Ainda de acordo com o site *Autism Response Team* (2023), alguns dos sinais mais comuns de que uma criança está infeliz ou incomodada com algo que está vestindo incluem:

- Coçar, geralmente, no pescoço ou em áreas onde roupas mais apertadas entram em contato com a pele;
- Puxar as roupas, gerando inquietação contínua;
- Recusar usar meias (muitas pessoas sensíveis odeiam as costuras das meias, especialmente se elas estiverem desalinhadas ou esfregarem os pés de maneira errada com os sapatos);
- Querer usar sempre as mesmas coisas (pode ser que sejam as únicas peças que não irritam nem agitam a criança ou o adulto);
- Os gatilhos sonoros podem ser um problema para algumas crianças, como o som de um zíper ou os sons produzidos pelo veludo cotelê quando andam.

Com isso, segundo o site *The shapes united* (S/d.), para confeccionar roupas para autistas deve-se optar por “materiais macios, lisos e elásticos que não irritem a pele” (tradução nossa). Moller (2023) recomenda tecidos como os de algodão, bambu ou modal, pois são respiráveis, leves e têm menor probabilidade de causar sobrecarga sensorial.

O tecido mais recomendado para o vestuário das crianças com TEA, e que foi confirmado na pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1) em que 94,7% dos entrevistados o citaram como sua preferência, é o algodão, por ser uma fibra natural, portanto respirável e absorvente (mantendo as crianças secas e confortáveis, especialmente durante períodos de atividade intensa ou calor), é muito confortável e pode ser usado em todo o vestuário, pois é encontrado em diferentes texturas (em sua maioria suaves) e gramaturas (por exemplo, meia-malha, moletom, sarja, denim, tricoline e suedine), possibilitando roupas para o frio ou para o calor (evitando a sensação de superaquecimento), o que o torna versátil para diferentes estações e estilos de roupa, desde camisetas leves até moletons mais espessos, o algodão pode ser adaptado para diferentes necessidades. Além disso, segundo Alano (2023), o algodão é hipoalergênico, pois é menos propenso a causar reações alérgicas do que tecidos sintéticos. Essas qualidades combinadas fazem do algodão a melhor e mais confiável escolha para o vestuário infantil, oferecendo conforto, segurança e praticidade para os pequenos.

Giesbrecht (2023) recomenda “lavar as roupas com um sabão inodoro e não irritante, sem corantes ou perfumes. Evite amaciantes ou secadores de roupas, pois eles podem causar bolinhas ásperas no tecido” (tradução nossa).

Tecidos grossos e sem elasticidade tendem a limitar os movimentos das crianças em geral, mas em crianças com TEA esse incômodo é muito maior, por isso deve-se buscar opções mais adequadas para estes indivíduos.

Apesar do algodão ser a melhor escolha não é a única opção. A poliamida, por exemplo, é uma fibra sintética que garante um tecido macio, sedoso e elástico o que o classifica como opção para o uso em vestuário infantil, o poliéster sozinho não é recomendado pois é um tecido quente que limita os movimentos, mas quando combinado com o algodão se torna uma ótima opção para uso nas roupas dos pequenos.

Sobre os tecidos sintéticos, é preciso atenção, pois, devido a constante agitação comum em crianças com TEA, estes devem ser evitados devido a sua capacidade eletrostática que ocasiona choques ao encostar em alguns objetos metálicos, que podem ocasionar dor, medo, irritação e sofrimento emocional na criança.

Isso acontece quando o corpo humano está tão eletrizado que acaba descarregando a energia acumulada (conhecida como energia estática) no primeiro objeto condutor que aparece pela frente. A corrente – formada pelo batalhão de elétrons que passa do corpo para a maçaneta – transita numa velocidade tão grande que dá para sentir esse movimento. É essa sensação que chamamos de choque. “Ficamos carregados quando usamos calçados com sola de borracha, blusas de lã ou tecidos sintéticos. Esses materiais, em movimento, acumulam carga”, afirma o físico Cláudio Furukawa, da USP. E objetos de metal, como maçanetas ou portas de carro, são o destino preferido das cargas extras, atraídas pelos elétrons livres na estrutura. Apesar de não terem época certa para ocorrer, esses choques têm uma quedinha especial pelas estações mais secas. “Normalmente, a umidade do ar serve para descarregarmos a carga acumulada”, diz o físico André Luiz Belém, da Unesp. Mas nem todo vaivém de elétrons é chocante: o organismo só sente correntes elétricas com intensidade a partir de 1 miliampère. “Em todo caso, a corrente nesse tipo de choque é pequena e tem pouca duração, por isso não tem efeito prejudicial à saúde”, afirma Cláudio. (Motomura, 2017)

De acordo com o site *Autism Response Team* (2023), outros fatores irritantes comuns para texturas incluem superfícies ásperas, como os tecidos de lã ou renda, roupas costuradas ou bordadas com fios sintéticos de nylon ou metálicos, bordados, aplicações de paetês ou cristais, pois, além da textura, emitem brilho, e roupas com babados.

Figura 6 – Texturas que devem ser evitadas



Fonte: Da autora, 2024.

Tecidos com elastano podem ser favoráveis tanto no caso de melhor vestibilidade por ser mais maleável, mas também pelo fato de que “algumas pessoas com TEA também podem preferir roupas justas, pois isso pode ajudar a proporcionar uma sensação de segurança e conforto” (*The shapes United*, S/d., tradução nossa).

Para dar mais resistência a algumas partes das roupas, Moller (2023) sugere a inclusão de “áreas reforçadas nos joelhos para maior durabilidade, o que pode ser benéfico para indivíduos mais ativos” (tradução nossa).

Em relação ao conforto térmico ocasionado pelos materiais têxteis, Giesbrecht (2023) sugere que se opte por “materiais respiráveis, que absorvem a umidade, naturais e macios”.

De acordo com o site *Autism Response Team* (2023), em uma pesquisa foi detectado que, para roupas de dormir, a preferência foi por roupas largas que permitissem livre circulação, sendo que um dos entrevistados relatou que “quanto mais folgadas e macias as roupas, mais elas se sentiam nuas, o que era sua preferência” (tradução nossa).

No caso dos aviamentos, além do que já foi mencionado em relação a vestibilidade, recomenda-se evitar as calças jeans, pois além do tecido resistente, o botão é difícil de manusear, principalmente quando é preciso tirar a calça para usar o banheiro.

Os aviamentos mais indicados para uso no vestuário infantil são o velcro hipoalergênico de boa qualidade (neste caso com ressalvas, devido a textura que pode ser incômoda), botões de pressão, cordões e elásticos, que é uma das grandes preferências dos entrevistados na pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1).

Já os zíperes, dependerão de cada caso, tanto quanto a construção da peça, quanto a capacidade, ou não, da criança manuseá-lo, ou até mesmo a sensibilidade sonora, como já citado, que este faz ao ser manuseado, por outro lado, na pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1), apesar da praticidade do velcro, algumas crianças se adaptam melhor ao zíper, devido a textura do velcro.

No caso de roupas com cordões ou “peças” soltas, é preciso atenção para que a criança não se machuque. Neste sentido, em relação aos acessórios, de acordo com o site *The shapes united* (S/d.):

Chapéus, luvas, sapatos e joias também podem afetar os níveis de conforto de um indivíduo. Para pessoas com TEA, usar acessórios muito apertados, muito pesados ou muito restritivos pode ser um desafio. Aqui, escolher acessórios macios, leves e fáceis de manusear pode fazer toda a diferença. Além disso, evite acessórios com textura ou material que desencadeie gatilhos sensoriais desagradáveis.

Como já mencionado, apesar dos estudos, é muito importante considerar as preferências individuais de cada criança. Neste sentido, aqui foram mencionadas as texturas que devem ser evitadas, mas, segundo o site *Autism Response Team* (2023), se você pegou seu filho esfregando repetidamente um determinado cobertor ou almofada bordada, pode significar que ele gosta daquela textura. No caso dos bordados, estes podem irritar a pele, mas “ter um pedaço de tecido com um padrão bordado rico em textura pode ser calmante para as pontas dos dedos e as palmas das mãos”, assim como o couro, em que “muitas crianças adoram as diferenças de textura entre os lados de camurça suave e macio das amostras ou produtos de couro” (tradução nossa).

Já as franjas podem causar cócegas ou coceira quando aplicadas as roupas, mas muitas crianças com TEA gostam de passar as mãos ou o rosto pelas franjas, assim como a aplicação com lantejoulas, pois, a princípio, podem irritar a pele e incomodar os olhos, mas, dependendo da reação de cada criança, em que algumas “apreciam tecidos reversíveis com lantejoulas (também chamados de lantejoulas sereia) que podem ser alisados para frente e para trás e mudar de cor”.

3.1.3 Cores ideais para crianças com TEA

A relação de pessoas com TEA com as cores, segundo Caminha (2008, p. 49-50), pode estar associada a uma percepção fragmentada, “causada por uma incapacidade de alguns autistas de quebrar a *Gestalt* em partes integradas e significativas”.

A *Gestalt*, de acordo com Reis (2014, p. 154), é uma doutrina da psicologia, com o intuito de estudar os fenômenos perceptivos humanos, especialmente a visão, baseada na ideia da compreensão da totalidade para que haja a percepção das partes, pois a análise das partes nunca poderá proporcionar uma compreensão do todo. Reis lembra que “o todo é mais do que a simples soma de suas partes”.

Para segundo Caminha (2008, p. 50), “a *gestalt* é percebida em seus mínimos detalhes, entretanto, cada detalhe é percebido como uma parte independente, desprovido de um significado contextual”. Desta forma, o mundo como um todo, mas sim de forma analítica.

Uma multidão, por exemplo, não é percebida por um autista como um aglomerado de pessoas, mas sim como um aglomerado de braços, pernas, cabelos, bocas etc... Do mesmo modo, para um autista uma pessoa é reconhecida por pedaços sensoriais armazenados que definem essa pessoa, e não por seu todo. A pessoa, então, é reconhecida pela cor de sua roupa, pelo seu cheiro ou até por seus movimentos. O mesmo acontece com os objetos. (Caminha, 2008, p. 50).

Além disso, devido a percepção distorcida, Caminha (2008, p. 50) alerta que “pode haver dificuldade para se movimentar no espaço, muitas vezes esbarrando nos objetos”.

“Ocasionalmente eu perdia toda a noção de perspectiva. Se alguma coisa viesse em minha direção em alta velocidade ou quando eu estivesse despreparada, ela parecia ser monstruosamente grande. Se alguém se debruçasse inesperadamente sobre mim eu me assustava muito. Era como se algo estivesse caindo sobre mim e eu fosse ficar esmagada em baixo”. (Caminha, 2008, p. 50)

Figura 7 – Visão fragmentada



Fonte: PINTEREST, 2024.

“Eu sempre soube que o mundo é fragmentado. Minha mãe era um cheiro, meu pai um tom, e meu irmão era algo que se movimentava. Nada era por inteiro, exceto as cores e os brilhos do ar” (Williams, 1992 apud Caminha, 2008, p. 50).

Neste sentido, outro ponto que deve ser levado em conta no caso de pessoas com TEA é a sinestesia, que, segundo o Jornal do Estado de Minas (2017), “é definida como uma "mistura de sentidos", que faz com que, no cérebro do indivíduo, uma melodia desencadeie a visão de cores, ou que uma palavra tenha um determinado "gosto", por exemplo”.

Na linguística, palavras e expressões são associadas às diferentes sensações percebidas pelo corpo humano para gerar um efeito discursivo, como sugere Viana (S/d.), por exemplo, cor berrante (visão + audição); perfume doce (olfato + paladar); olhar penetrante (visão + tato); risada gostosa (audição + paladar); cheiro azedo (olfato + paladar); resposta seca (audição + tato).

Figura 8 – Visão fragmentada



Fonte: Da autora, 2024.

Segundo o Jornal do Estado de Minas (2017), geralmente, a maior parte das ocorrências sinestésicas são associadas as cores, em que, por exemplo, “a pessoa “vê” diferentes cores associadas a letras, ou a palavras como os nomes dos dias da semana, ou dos meses”.

“Os cientistas chamam minha experiência visual e emocional dos números de sinestesia, uma rara mistura neurológica dos sentidos, que costuma resultar na capacidade de ver letras do alfabeto e/ou números com cores. A minha sinestesia é de um tipo incomum e complexo. pela qual vejo os números como formas, cores, texturas e movimentos. O número 1, por exemplo, é de um branco brilhante, como se alguém apontasse uma lanterna nos meus olhos. Cinco é uma trovoadas ou o som de ondas batendo nas rochas. Já o 37 é grumoso feito mingau, enquanto o 89 lembra neve caindo”. (Tammets, 2007. p. 14 apud Caminha, 2008, p. 54-55)

Segundo um estudo publicado na revista “*Molecular Autism*” (apud Alert, 2013), “os indivíduos com autismo apresentam também uma maior probabilidade de terem sinestesia”. “Neste estudo, os investigadores da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, constataram que a sinestesia apenas ocorre em cerca de 7,2% da população geral, enquanto atinge 18,9% dos indivíduos com autismo”.

De modo geral, a relação das cores com a moda é antiga, mas o que mais se aplica na área são os aspectos psicológicos, desde as preferências que, geralmente, estão ligadas a experiências culturais e individuais, positivas ou negativas, ocorridas na infância, até os aspectos neurológicos, em que, clinicamente, pode-se notar diferentes reações cerebrais ao serem expostos a diferentes cores. Além disso, a combinação de cores em um ambiente ou contexto também pode afetar significativamente a maneira como uma pessoa se sente.

De modo geral, em relação a psicologia das cores, estas causam as seguintes emoções ou sensações nos indivíduos:

Figura 9 – Psicologia das cores

COR	SIGNIFICADO (ROMANATO, 2017)	POSSÍVEL RESPOSTA (RAJINI D., 2024)	USO RECOMENDADO (RAJINI D., 2024)
Branco	Remete a paz, pureza (imaculada e limpa), calma, inocência, dignidade, casamento. Segundo Lurie (1997, p. 197-200) o branco, por exemplo, por sujar com facilidade, sempre foi sinônimo de <i>status</i> já que para mantê-lo limpo leva-se tempo e gasta-se dinheiro. É frequentemente considerado neutro e calmante. Também pode criar uma sensação de espaço e clareza.	O branco não é uma cor favorável ao autismo – embora seja neutro, pode ser muito brilhante e cansativo para os olhos. Além disso, para crianças com autismo, o branco pode ser clínico e lembrá-las de visitas a hospitais e centros médicos onde possam ter se sentido desconfortáveis.	Compense esse efeito escolhendo o branco sujo em vez de um branco verdadeiro e ofuscante e adicione um pouco de cor
Preto	Por representar ausência de luz, segundo Farina (1990, p. 113), é uma cor que é associada à sombra, noite, morte, fim, mistério, tristeza, infortúnio, angústia, solidão. Por outro lado, é uma cor que pode ter conotação de nobreza e seriedade. Na moda pode estar relacionada com elegância e luxo, além de ser uma cor que define uma silhueta ao corpo. É uma cor que por sugerir formalidade e seriedade, é usado por homens e mulher de negócios (LURIE, 1997, 200-206). Pode ser dramático e sofisticado, mas também pode evocar emoções negativas se usado em excesso.	É neutro, sem brilho, portanto é agradável, além de diminuir o estresse na combinação entre cores (previsibilidade e rotina)	Roupas
Cinza	Segundo Rajini D. (2024), é uma cor estável, discreta e calmante	Equilibra, dá segurança e conforto	Áreas de convivência em geral, roupas, salas de aula
Rosa	Segundo Farina (1990, p. 104), é uma cor tipicamente feminina, que simboliza encanto e amabilidade, além de remeter a inocência e frivolidade, é terna e suave, muito usada para crianças positivas, especialmente, as meninas. É uma cor suave e tranquilizante, frequentemente associada ao amor, ternura e inocência. Pode ter um efeito calmante e reconfortante.	Nutre e reduz o estresse, além de evocar sentimentos de calor e conforto semelhantes a um abraço gentil	Quartos, roupas, áreas de recreação sensorial
Vermelho	Segundo Fischer-Mirkin (2001), é estimulante porque pode aumentar a temperatura do corpo e desencadear uma reação hormonal, por isso é relacionada ao erotismo e a paixão. É frequentemente associado à energia, paixão e excitação. Pode aumentar o batimento cardíaco e criar uma sensação de urgência. Também pode ser estimulante e despertar emoções fortes, como amor ou raiva.	Opressora, pode aumentar a tensão e ser muito estimulante O vermelho pode estar associado a perigo ou avisos, que podem desencadear inadvertidamente uma resposta ao estresse.	Evite em espaços pessoais, uso limitado em ambientes educacionais
Laranja	Segundo Farina (1990, p. 114), esta cor transmite radiação, com muita força. Pode ser associada ao calor, fogo, luz e pôr do sol. Lurie (1997, p. 212) afirma que quem usa esta cor é quem quer chamar a atenção. É uma cor energética e vibrante que evoca entusiasmo e criatividade. Pode ser estimulante e aumentar a sensação de diversão e sociabilidade.	A superestimulação pode causar agitação muito intensa	Uso limitado, possivelmente em áreas de lazer por curtos períodos
Amarelo	Segundo Farina (1990, p. 114) "é a cor que simboliza a cor da luz irradiante em todas as direções". É a cor que desperta parte do cérebro associada a ansiedade, deixando-nos mais alerta, devido a descarga de adrenalina que fazem os hormônios fluírem e o pulso latejar. Também é uma cor que se associa a riqueza devido à cor do ouro. É uma cor vibrante que evoca sentimentos de alegria, otimismo e vitalidade. Pode ser estimulante e encorajar o pensamento positivo.	A superestimulação pode causar agitação muito intensa, causando desconforto, ansiedade e angústia	Uso limitado, possivelmente em áreas de lazer por curtos períodos
Verde	Segundo Fischer-Mirkin (2001), está associada ao frescor e a cura por se relacionar com o meio ambiente. Quanto mais amarelado, mais associado a força ativa, e quando tem mais predominância ao azul, causa a sensação de serenidade e bem-estar. É frequentemente associado à natureza, crescimento e harmonia. É uma cor refrescante para os olhos e tem um efeito calmante, muitas vezes associado à saúde e à renovação.	Acalma, reduz a ansiedade e promove relaxamento e paz	Roupas, quartos, salas de terapia, materiais educativos
Azul	Segundo Farina (1990, p. 114) é uma cor que remete a profundidade, como por exemplo, o céu, mar, universo. Essa cor remete a viagens imaginárias e longinhas. É calmante e tranquilizante. É frequentemente associado à serenidade, confiança e estabilidade. Pode ajudar a reduzir o estresse e promover um ambiente relaxante.	Acalma, reduz a ansiedade e promove relaxamento e paz	Roupas, quartos, salas de terapia, materiais educativos
Roxo / Lilás	É uma cor que transmite misticismo, meditação, sonho, igreja (é a cor das roupas do bispo, obrigado a não comer os pecados da carne), fantasia, mistério, delicadeza, sendo a tonalidade de lilás remetendo a sensação de magia. Ainda representa a espiritualidade, o equilíbrio entre o espírito e os sentidos, porém essa cor representa também a violência, furto, agressão (olho roxo), miséria, engano. É associado à realeza, criatividade e espiritualidade. Pode ter um efeito calmante semelhante ao azul, mas também pode despertar imaginação e intuição.	Relaxa, estimula a criatividade, reduz a agitação	Espaços criativos, salas de terapia, acessórios
Marrom	A cor marrom é uma cor realista, que não vulgariza, e nem brutaliza, representando os pés no chão. Segundo Lurie (1997, p. 215) é a cor da terra e da natureza em seu estado adormecido (outono e inverno). Segundo Farina (1990, p. 115) é uma cor que exprime compactação, doença, sensualidade, desconforto, pesar, melancolia, vigor e resistência.	Proporciona sensação de estabilidade, materialidade, segurança e acolhimento	Salas com detalhes em madeira, acessórios (sapato e cinto)

Fonte: Da autora, 2024.

Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que as cores influenciam nos sentimentos e podem até mudar o humor de qualquer pessoa, mesmo inconscientemente.

As cores são ondas eletromagnéticas que conseguem influenciar o homem estimulando-o com diferentes sensações. Alguns pesquisadores afirmam o poder das cores e de suas finalidades no campo vibratório humano de modo a influenciar também o campo energético desse até em oculto. As chamadas cores quentes, que compreendem as tonalidades do vermelho, amarelo e laranja, agem diretamente no sistema nervoso central enquanto as chamadas cores frias, que compreendem as tonalidades do azul, verde e cinza, agem no ramo parassimpático do sistema neurovegetativo. (Cabral, s/d.)

De acordo com Grandgeorge e Masataka (2016, p. 1), em relação as preferências de crianças com desenvolvimento típico (DT) por determinadas cores, existem muitos estudos. Neles foi constatado que meninos e meninas em idade pré-escolar preferem o vermelho a todas as outras cores; já bebês recém-nascidos preferem o azul. Desta forma, “há um consenso geral de que crianças com DT têm preferência por cores primárias (como vermelho e azul) em vez de cores secundárias (como rosa e laranja)” (tradução nossa). No caso de crianças com TEA, através dos relatos de pais, responsáveis, professores, foi percebida uma “obsessão pela cor verde foi abundantemente documentada”.

Neste sentido, muitas crianças autistas têm sensibilidades sensoriais aumentadas, o que significa que são mais suscetíveis a estímulos visuais, como cores brilhantes ou contrastantes. Cores muito vibrantes ou intensas podem ser avassaladoras ou desconfortáveis para algumas crianças autistas, causando agitação ou ansiedade.



Desta forma, aconselha-se evitar cores agitadoras e intensas, pois podem ser aversivas para algumas crianças autistas, como vermelho brilhante (única cor que não foi escolhida por nenhum dos entrevistados na pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1)) ou laranja vibrante, especialmente quando usadas de forma excessiva ou em grande quantidade.



Aposte em cores suaves e tons mais naturais (como azul claro, verde ou tons pastéis – cores mais escolhidas pelos entrevistados na pesquisa realizada para este trabalho (Apêndice 1)), pois estas podem ser mais calmantes e reconfortantes, ajudando a criar um ambiente tranquilo e menos estimulante.

Devido a esta percepção fragmentada, Moller (2023) recomenda que se “atribua cores específicas a diferentes tipos de roupas (por exemplo, blusas e calças) para facilitar a localização e a combinação dos itens. Este sistema pode melhorar a organização e agilizar o processo de curativo” (tradução nossa).

Na escolha das roupas, segundo Rajini D. (2024), também é importante levar em conta cores que a criança considere reconfortante, evitando roupas excessivamente brilhantes ou estampadas, pois elas tendem a causar superestimulação.

Figura 10 – Codificação de cores



Fonte: Da autora, 2024.

No caso de roupas estampadas, Pietra (2018), ressalta que é importante proporcionar estímulos visuais variados e interessantes para promover o desenvolvimento e a interação, mas sempre mantendo o equilíbrio, evitando o excesso de estimulação. De acordo com o site *The shapes united* (S/d.), “roupas com padrões ousados, cores brilhantes ou designs gráficos podem ser opressoras para alguém com TEA e aumentar o risco de sobrecarga sensorial” (tradução nossa), podendo ser tão perturbadoras a ponto de desencadear crises nervosas. Como já mencionado, as cores sólidas são mais indicadas, mas se quiser usar roupas estampadas ou brilhantes, “sugere-se reduzir a estimulação sensorial geral no restante do ambiente”.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo site *Autism Response Team* (2023), para roupas e têxteis os entrevistados tenderam a preferir cores sólidas, mas se um tecido for estampado, “os padrões simples são melhores do que os mais elaborados” (tradução nossa), mas não se pode esquecer que tudo pode variar de acordo com a preferência de cada criança.

Figura 11 – Roupas estampada



Fonte: Da autora, 2024.

Outro detalhe em relação a roupas estampadas é em relação ao toque, por terem uma grossa camada de tinta, como se vê na imagem a seguir.

Desta forma, além da roupa estampada precisar ter poucas cores, elas devem ser feitas de forma a não serem sentidas ao toque, podendo ser na técnica de *silk screen* apenas com contornos, ou por sublimação, em que os pigmentos são absorvidos pelas fibras, por exemplo.

Figura 12 – Estampa silkada e sublimada, e detalhe das texturas



Fonte: Da autora, 2024.

Apesar dos estudos sobre como as cores impactam nas pessoas, é preciso dar atenção as preferências de cada um, principalmente no caso de crianças com transtornos, como é o caso dos autistas, pois uma determinada cor pode promover preferência, repulsa, ou sensibilidade, dependendo das experiências que esta criança viveu, se foram positivas ou negativas. Algumas podem se sentir mais confortáveis com tons suaves e neutros, enquanto outras podem ser atraídas por cores específicas e repetitivas. De acordo com Pietra (2018), o contexto também é fundamental - por exemplo, cores em uma sala de aula podem ser percebidas de maneira diferente do que em um parque ou em casa.

Neste sentido, de acordo com o site Rhema Educação (2019), “até que você tenha identificado as preferências da criança, as cores devem ser mantidas simples, únicas e puras, ao invés de usar padrões bicoloridos ou multicoloridos”. Pietra (2018) destaca que cores consistentes e bem definidas podem ajudar a organizar o ambiente e facilitar a compreensão de rotinas ou instruções. Rajini D. (2024) sugere que, em caso de dificuldade na aceitação de cores, deve-se introduzi-la de forma pequena e não invasivas, como acessórios ou brinquedos, para avaliar as reações, e, sempre que possível, envolva o indivíduo na escolha das cores, pois “esta pode ser uma experiência fortalecedora para eles”.

4 CONSTRUINDO UM GUARDA-ROUPA ADEQUADO PARA AUTISTAS

Antes de seguir, Moller (2023), ressalta que “cada indivíduo com autismo é único e o que funciona para uma pessoa pode não funcionar para outra”, como exemplifica a ilustração a seguir.

Figura 13 – O que funciona para um, pode não funcionar para o outro



Fonte: PINTEREST, 2024.

De acordo com Moller (2023), ao construir um guarda-roupa adequado, principalmente para crianças com TEA, é essencial priorizar roupas que atendam às necessidades e sensibilidades específicas destes indivíduos, considerando, como já visto, alguns fatores como:

- Escolha do tecido: Opte por tecidos macios e confortáveis, como algodão ou bambu, que minimizem o desconforto sensorial. Evite texturas ásperas, materiais que coçam ou roupas com costuras excessivas.
- Designs sem costura e sem etiqueta: procure peças de roupa com construção perfeita e etiquetas sem etiqueta para evitar irritação e sobrecarga sensorial. Esses recursos podem melhorar o conforto geral e reduzir possíveis gatilhos.
- Recursos adaptativos: Explore opções de roupas adaptáveis que oferecem recursos como fechos ajustáveis, cós elásticos ou fechos magnéticos. Essas adaptações podem tornar o vestir-se mais fácil e manejável para indivíduos com problemas motores finos.

No caso de roupas adaptáveis e ajustáveis, Moller (2023) ainda ressalta que o recurso de ter mecanismos que possam ajustar uma mesma roupa a diferentes corpos e necessidades, é algo que pode ser levado em conta, pois tem crianças que preferem roupas mais apertadas para terem a sensação de segurança, e outras preferem roupas largas que lhes permitam maior liberdade dos movimentos.

Figura 14 – Calça com cintura ajustável por botões e elástico com casa



Fonte: BOURLEGAT, 2015.

Giesbrecht (2023), dá outra dica interessante que é o ato de comprar roupas duplicadas (usa uma enquanto lava a outra), ou ir comprando a mesma peça a medida em que esta vai se desgastando ou a criança vai crescendo, pois, algumas peças podem ajudar a estas crianças a se sentirem seguras, por manter sua rotina com as roupas que amam.

Moller (2023), acredita que com uma seleção e organização cuidadosa, além do apoio dos recursos disponíveis, os indivíduos com autismo podem ter um guarda-roupa que promova conforto, independência e autoexpressão.

4.1 Análise de marcas que vendem roupas para crianças com TEA

Apesar de não necessitar de uma roupa especial, como visto, principalmente as crianças autistas têm dificuldade de lidar com alguns detalhes.

Sendo este um trabalho na área que abrange o design de moda, antes de criar algo, é sempre importante verificar se já existem marcas que se preocupam com as necessidades deste público, seja uma marca inteira voltada para eles, ou, pelo menos, peças específicas dentro de uma coleção para o público em geral.

O mercado de roupas para autistas está emergindo como um segmento significativo dentro da indústria da moda, à medida que cresce a conscientização sobre as necessidades específicas de indivíduos no espectro do autismo. Este segmento é caracterizado pela demanda por roupas que proporcionem, como visto, conforto sensorial, facilidade de uso e estilo, respondendo às particularidades de sensibilidade e preferências dos consumidores autistas.

Nos últimos anos, tem havido um aumento na atenção voltada para a moda inclusiva, impulsionada por movimentos sociais e pelo reconhecimento da importância de atender às diversas necessidades de todos os consumidores. A moda inclusiva, segundo o site *Domidona Shoes* (2024), não é apenas uma tendência passageira, mas uma resposta necessária à demanda por produtos que promovam a dignidade e o bem-estar de todas as pessoas, independentemente de suas condições neurodiversas.

A análise deste mercado envolve a compreensão de diversos fatores, incluindo a demanda por tecidos hipoalergênicos e confortáveis, designs funcionais que facilitem o vestir e despir, e a importância de eliminar elementos que possam causar desconforto, como etiquetas e costuras ásperas. Além disso, a percepção dos consumidores e suas famílias sobre a acessibilidade e a disponibilidade de tais produtos desempenha um papel crucial na orientação das estratégias de mercado.

Empresas que desejam ingressar neste segmento devem estar preparadas para investir em pesquisa e desenvolvimento, para garantir que suas ofertas atendam às exigências específicas deste público. Além disso, é fundamental adotar práticas de marketing que eduquem e sensibilizem o público sobre a importância da moda inclusiva, destacando como suas propostas podem melhorar a qualidade de vida dos consumidores autistas.

- A loja Alma Azul¹ é uma das pioneiras no Brasil especializada em brinquedos e equipamentos para crianças com TEA, déficit de atenção, hiperatividade e afins. A proposta dessa loja é divulgar o tema autismo, tendo inúmeros produtos com o tema como pulseiras, cordões, brinquedos entre outros produtos. No vestuário oferecem camisetas com o símbolo do autismo para adultos e crianças, e coletes ponderados.

¹ Loja Alma Azul: www.almaazul.com.br

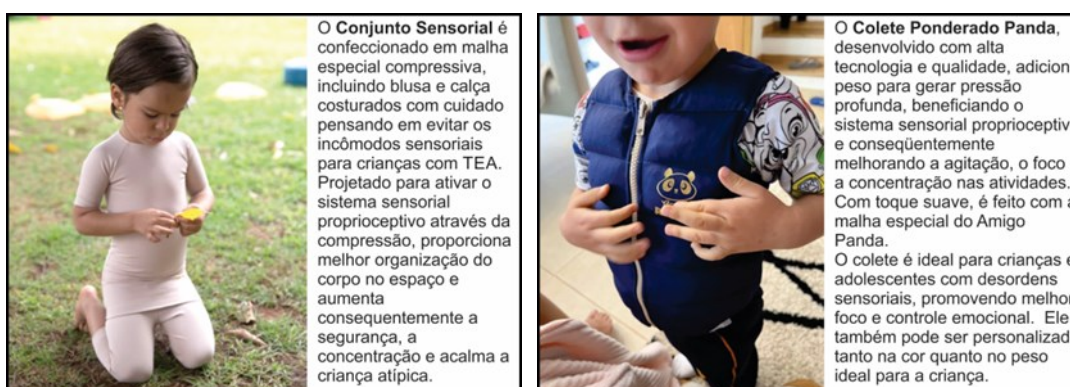
Figura 15 – Camiseta e porta crachá da Alma Azul



Fonte: ALMA AZUL, 2024.

- A Amigo Panda², segundo o site da loja, é voltada para crianças e adolescentes com necessidades especiais, em que trabalha com roupas e acessórios sensoriais que são desenvolvidos pela fisioterapeuta Thays Visachi, que começou sua pesquisa em 2013 visando desenvolver recursos terapêuticos que pudessem melhorar a vida de crianças e adolescentes, impulsionando seus processos de reabilitação. Os produtos são feitos sob encomenda e o consumidor pode encontrar uma grande variedade de modelos destinados a suprir as necessidades dos pequenos, entre eles estão roupas sensoriais, produtos para alinhamento postural, produtos ponderados (nome dado a peças que se adiciona peso) como mantas, cobertores, coletes e pulseiras.

Figura 16 – Conjunto sensorial e colete ponderado da Amigo Panda



Fonte: AMIGO PANDA, 2024.

² Loja Amigo Panda: <https://www.amigopanda.com.br/>

- A loja Família Tagarela³ foi fundada pela fisioterapeuta Thaís que aos 39 anos recebeu o diagnóstico de TEA, é mãe solo de 2 crianças autistas. Contando com sua experiência pessoal no assunto, criou produtos para facilitar o desenvolvimento das crianças com TEA. A loja Família Tagarela produz info-produtos concebidos especialmente para mães, pais, professores e cuidadores de crianças com TEA, ajudando a entender com mais facilidade as rotinas do dia a dia. No vestuário a loja disponibiliza apenas camisetas e moletons, adulto e infantil com estampas com o tema autismo.

Figura 17 – Info-produtos e camisetas da Família Tagarela



Fonte: FAMÍLIA TAGARELA, 2024.

- A Loja Texugo Beachwear⁴, em 2022, aceitou uma proposta feita pela Associação Fortaleza Azul (FAZ) para promover inclusão e destacar o potencial de pessoas com TEA, incluindo em sua coleção algumas peças com estampas produzidas por cerca de 15 pessoas com autismo, entre 5 e 36 anos, atendidas pela FAZ em um momento livre e aberto à criatividade. “Para além do protagonismo dessas pessoas, os biquínis e sungas foram idealizados de maneira a garantir o conforto e estimular a autonomia das crianças”, como etiquetas estampadas no avesso da peça, sem peças metálicas ou adereços que possam ser arrancados, além de serem feitas “em um tecido supermicrofibras que proporcionam ainda mais maciez e conforto ao vestir, contando com proteção UV 50+ e microcápsulas de aloe vera, que liberam ativo

³ Loja Família Tagarela: <https://www.familiatagarela.com.br>

⁴ CARVALHO, Lívia. Moda para pessoas com autismo: marca cearense desenvolve roupas de banho com foco no bem-estar. 21/11/2022. Disponível em <https://www.blogdolauriberto.com/2023/01/fortaleza-azul-e-texugo-lancam-colecao.html>

hidratante na pele”. “Outra iniciativa da coleção é que parte do valor das vendas serão destinadas à FAZ para contribuir com as ações promovidas. Esse dinheiro será investido na melhoria do atendimento de centenas de crianças autistas”.

Figura 18 – Peças feitas pela Texugo numa *collab* com a FAZ (2022)



Fonte: CARVALHO, 2022.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho explorou a importância do design de vestuário para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando como a sensibilidade ao toque, a algumas cores, e a modelagem de algumas peças podem impactar negativamente a experiência dessas crianças com as roupas.

Os principais achados desta pesquisa revelam que a escolha de tecidos macios e agradáveis ao toque, a eliminação de etiquetas irritantes, e a utilização de modelagens que ofereçam conforto e facilidade de vestir são fundamentais para atender às necessidades sensoriais das crianças com TEA. Além disso, o desenvolvimento de aviamentos mais suaves e a consideração das preferências individuais de cor e estilo podem contribuir significativamente para uma experiência de vestuário mais positiva.

No decorrer da pesquisa, algumas dicas se demonstraram interessantes no auxílio de pais e cuidadores de crianças com TEA, como a dada por Giesbrecht (2023), que consiste, principalmente, em manter um diário de roupas que será “um período de tentativa e erro, observando o que a criança gosta e o que não gosta”, para que, com o tempo seja visto o surgimento de padrões, em que “se a criança prefere uma determinada textura, material, marca, caimento ou cor, você pode começar a incorporar cada vez mais essas roupas”. Segundo o site *Autism Response Team* (2023), a experiência de cada criança é diferente, portanto, tentativa e erro produzem informações sensoriais positivas, sendo as únicas maneiras de aprender mais sobre o que funciona e o que não.

Pode ser necessária alguma tentativa e erro para encontrar o ajuste e os materiais certos, mas ao considerar materiais sensíveis aos sentidos, cortes confortáveis e práticos, evitar a estimulação excessiva com padrões e escolher roupas e acessórios adaptáveis, pode-se tornar a tarefa de vestir menos assustador. Passar algum tempo selecionando peças de roupa que caibam bem, sejam macias e proporcionem uma sensação familiar pode ajudar muito a tornar uma pessoa com TEA confiante e confortável em suas atividades diárias. Fazendo alguns pequenos ajustes, é possível encontrar um guarda-roupa perfeito para cada indivíduo com TEA. (The Shapes United, S/d., tradução nossa)

Já Moller (2023), incentiva a busca por recursos e suporte de profissionais (terapeutas ocupacionais, analistas do comportamento ou outros profissionais de saúde especializados em trabalhar com indivíduos com autismo, que podem fornecer

informações valiosas e recomendações adaptadas às necessidades e desafios sensoriais específicos); comunidades e fóruns *online* dedicados ao autismo e ao vestuário (conectar-se com outros indivíduos e cuidadores que tenham experiência e conhecimento em primeira mão, podem ser de grande ajuda); e em organizações locais e grupos de apoio que se concentrem na defesa e apoio da causa (através de workshops, eventos e recursos relacionados a roupas adequadas para o autismo) enquanto se constrói um guarda-roupa adequado.

A pesquisa também deixa claro a importância de respeitar as preferências individuais e ao conforto que as roupas podem proporcionar aos indivíduos com autismo para que possam vestir-se “corretamente”. “Não é de surpreender que a sensação das roupas ou dos tecidos seja muito mais importante do que o estilo e a aparência” (*Autism Response Team, 2023*)

A contribuição deste estudo reside na sensibilização sobre a importância de um design de vestuário inclusivo e adaptado às necessidades específicas das crianças autistas. O papel do designer de moda é crucial na criação de produtos que não só atendam às exigências funcionais, mas que também promovam a inclusão social e o bem-estar emocional.

Conclui-se que o design de vestuário para autistas é um campo promissor que oferece inúmeras possibilidades de inovação. Ao atender às necessidades específicas deste grupo, os designers de moda podem desempenhar um papel significativo na promoção de uma sociedade mais inclusiva e sensível às diferenças individuais. A pesquisa aqui apresentada espera contribuir para este objetivo, incentivando a continuidade e expansão de estudos nesta área vital.

REFERÊNCIAS

ALANO, Joy. 5 benefícios do algodão além do conforto. 13 de fevereiro de 2023. Disponível em <https://soudealgodao.com.br/blog/5-beneficios-do-algodao-alem-do-conforto/#:~:text=Voc%C3%AA%20sabia%20que%20o%20algod%C3%A3o,ou%20a%20lergias%20a%20materiais%20sint%C3%A9ticos>. Acesso em 05/2024.

ALERT. Sons com cheiro, música colorida e a associação com o autismo. 22/11/2013. Disponível em <https://www.alert-online.com.br/news/health-portal/sons-com-cheiro-musica-colorida-e-a-associacao-com-o-autismo> . Acesso em 05/2024.

AUTISM RESPONSE TEAM. Tecidos sensoriais amigáveis para crianças com TEA. 16/10/2023. Disponível em <https://autismresponseteam.com/sensory-friendly-fabrics-for-children-with-asd/> . Acesso em 05/2024.

BANDEIRA, Gabriela. Tratamento para autismo: conheça as terapias para pessoas no espectro. 08/10/2021. Disponível em <https://genialcare.com.br/blog/tratamento-para-autismo/> . Acesso em 04/2024.

BEM PARANÁ. Designer de moda de Curitiba cria roupas para crianças com autismo; veja como tudo começou. 06/04/2023. Disponível em <https://www.bemparana.com.br/noticias/economia/designer-de-moda-de-curitiba-cria-roupas-para-criancas-com-autismo-veja-como-tudo-comecou/> . Acesso em 05/2024.

BOURLEGAT, Cynthia Le. DIY Ajuste elástico para calças infantis. 12/05/2015. Disponível em <http://www.falamae.com/2015/05/diy-ajuste-elastico-para-calcas.html/> . Acesso em 05/2024.

BRITO, Adriana Rocha; VASCONCELOS, Marcio Moacyr de; "Conversando sobre autismo-reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas", p. 23 -32. In: Autismo: Vivências e Caminhos. São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/05-19746> . Acesso em 04/2024.

CABRAL, Gabriela. A influência da cor. S/d. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/saude-bem-estar/a-influencia-cor.htm#:~:text=As%20cores%20s%C3%A3o%20ondas%20eletromagn%C3%A9ticas,energ%C3%A9tico%20desse%20at%C3%A9%20em%20oculto>. Acesso em 05/2024.

CAMINHA, Roberta Costa. Autismo: um transtorno de natureza sensorial? Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. http://ppq.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2008_61d166a244c37e45ba47bac616b1a845.pdf . Acesso em 05/2024.

CARVALHO, Livia. Moda para pessoas com autismo: marca cearense desenvolve roupas de banho com foco no bem-estar. 21/11/2022. Disponível em <https://www.blogdolauriberto.com/2023/01/fortaleza-azul-e-texugo-lancam-colecao.html> . Acesso em 05/2024.

CASTRO, Gabrielly De Fatima; PINHEIRO, Isabelle; MONTEIRO, Larissa; MARCONDES, Larissa Pereira; FERREIRA, Tamiris Fernanda; RODRIGUES, William Luis Sagiomo. Cartilha: projeto integrador moda inclusiva – autismo. Gaspar: Instituto Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em <https://www.ifsc.edu.br/documents/30681/1966119/Moda+Inclusiva+-+Autismo+pdf..pdf/62ce9e1f-79e3-4490-8560-6d1a02bdf79e> . Acesso em 02/2024.

DOMIDONA SHOES. Conheça a Moda Inclusiva. 23/01/2024. Disponível em <https://blog.domidona.com.br/conheca-a-moda-inclusiva/> . Acesso em 05/2024.

FURIOSO, Lorena da Cunha; DOCKHORN, Danila Cristiane Marques Sanches; AZEVEDO, Monia Karine. Desenvolvimento de vestuário para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). In: VI Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), n. 1, v. 6, 2022. Disponível em https://ifpr.edu.br/goioere/wp-content/uploads/sites/13/2022/12/Artigo_Espectro-Autista.pdf . Acesso em 02/2024.

GIESBRECHT, Clancy. Problemas comuns com roupas no autismo: gerenciando a sensibilidade das roupas. 19 de março de 2023. Disponível em <https://www.autismhorizon.com/autism-clothing-issues/> . Acesso em 05/2024.

GRANDGEORGE, Marine; MASATAKA, Nobuo. Preferência de cores atípicas em crianças com transtorno do espectro do autismo. *Frontiers in Psychology*, V. 7, dezembro, 2016. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5179595/> . Acesso em 05/2024.

JADE AUTISM. Símbolos do autismo: conheça os principais e entenda seus significados. S/d. Disponível em <https://www.jadeautism.com/simbolos-do-autismo-e-seus-significados> . Acesso em 03/2024.

JORGE, Luciana França. Autismo na infância e a relação com os tecidos sintéticos compostos de poliéster. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2021. Disponível em <https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/126906> . Acesso em 02/2024.

JORNAL DO ESTADO DE MINAS. Cientistas confirmam ligação entre autismo e sinestesia. 07/03/2017. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/03/07/interna_nacional,852297/cientistas-confirmam-ligacao-entre-autismo-e-sinestesia.shtml#google_vignette . Acesso em 05/2024.

KIKUTI, Lorena Motter. Inovação no mundo da moda: vestuário adaptado para crianças com TEA. 5 de abril de 2024. Disponível em <https://apaecuritiba.org.br/vestuario-para-criancas-com-tea/> . Acesso em 04/2024.

LIMA, Sarah Maria Batista de. O brinquedo de vestir: Desenvolvimento de produto para criança com autismo. Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/36386/1/LIMA%2C%20Sarah%20Maria%20Batista%20de.pdf> . Acesso em 02/2024.

LIMA, Thays Gabriela Cordeiro De. Design e vestuário para crianças com transtorno do espectro autista. Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, 2022. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/47729/4/TCC%20Thays%20Gabriela%20Cordeiro%20de%20Lima.pdf> . Acesso em 02/2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança. S/d. Disponível em <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/> . Acesso em 04/2024.

MOLLER, Ralph. Melhores roupas para crianças com autismo. 28/09/2023. Disponível em <https://www.abtaba.com/blog/clothes-for-children-autism> . Acesso em 05/2024.

MOTOMURA, Marina. Por que levamos choques ao encostar em maçanetas? 03/03/2017. Disponível em <https://super.abril.com.br/ciencia/por-que-levamos-choques-ao-encostar-em-macanetas> . Acesso em 05/2024.

PIETRA, Renata Scarano. A influência das cores e materiais para as crianças autistas, no âmbito escolar. Revista Especialize On-line IPOG. Ano 9, Edição nº 16 Vol. 01 Dezembro/2018. Goiânia. p. 01-14. Disponível em <http://assets.ipog.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/07015608/renata-scarano-pietra-89829.pdf> . Acesso em 05/2024.

RAJINI D. Compreendendo o autismo: as cores a evitar para um ambiente harmonioso. 11/01/2024. Disponível em <https://www.mywellnesshub.in/blog/autism-color-impact-guide/> . Acesso em 05/2024.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, 2014, 34 (1), 142-157. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 05/2024.

RHEMA EDUCAÇÃO. A importância das Cores para o Autista. 22/11/2019. Disponível em <https://blog.rhemaeducacao.com.br/a-importancia-das-cores-para-o-autista/> . Acesso em 05/2024.

ROMANATO, Daniella. Cores: um duelo entre teoria e prática. *Icônica*, v. 3, p. 3-27, 2017. Disponível em <http://revistas.utfpr.edu.br/ap/index.php/iconica/article/view/90>. Acesso em 05/2024.

ROMANATO, Daniella. *Office Acadêmico: Manual para edição de trabalhos acadêmicos utilizando o programa Microsoft Word*. Campinas: Incentivar, 2010.

SECRETARIA DA SAÚDE DO GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Transtorno do Espectro Autista (TEA). S/d. Disponível em <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA#:~:text=Evid%C3%A2ncias%20cient%C3%ADficas%20apontam%20que%20n%C3%A3o,causa%20fatores%20de%20risco%20ambientais.>) . Acesso em 04/2024.

SILVA, Bruna Karla da; SCHNEIDER, Jessica; PÁRIS, Daniele Deise Antunes Silveira. *Mundo particular dos autistas: desenvolvimento de coleção de moda infantil masculina*. Gaspar: Instituto Federal de Santa Catarina, 2021. Disponível em https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/2216/TCC%20Final_Bruna%20Karla%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 02/2024.

TEIXEIRA, Elisangela; OTAKE, Evelin Yuri. *Moda infantil atuando no desenvolvimento de crianças autistas*. Apucarana: Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, 2013. Disponível em http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/5978/2/AP_CODEM_2012_2_3.pdf. Acesso em 02/2024.

THE SHAPES UNITED. *As escolhas certas de roupas para pessoas com autismo*. S/d. Disponível em <https://www.theshapesunited.com/pages/the-right-clothing-choices-for-individuals-with-autism>. Acesso em 05/2024.

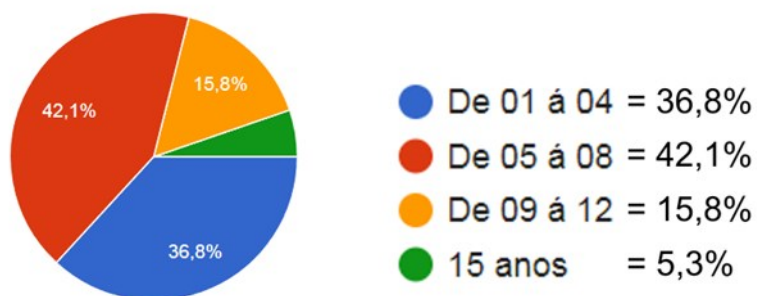
VIANA, Guilherme. *Sinestesia (figura de linguagem)*. S/d. Disponível em [https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/sinestesia-figura-de-linguagem.htm#:~:text=A%20sinestesia%20%C3%A9%20o%20recurso,perfume%20doce%20\(olfato%20%2B%20paladar\)](https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/sinestesia-figura-de-linguagem.htm#:~:text=A%20sinestesia%20%C3%A9%20o%20recurso,perfume%20doce%20(olfato%20%2B%20paladar)). Acesso em 05/2024.

APÊNDICE 1 – PESQUISA SOBRE A DIFICULDADE DO AUTISTA COM O VESTUÁRIO

1. Idade da criança

Idade da criança

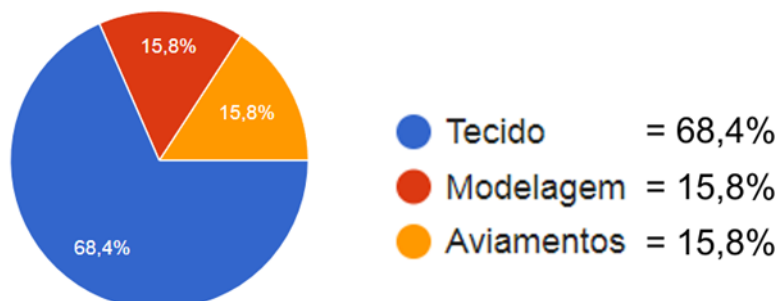
19 respostas



2. Qual a maior dificuldade da sua criança com relação ao vestuário?

Qual a maior dificuldade da sua criança com relação ao vestuário?

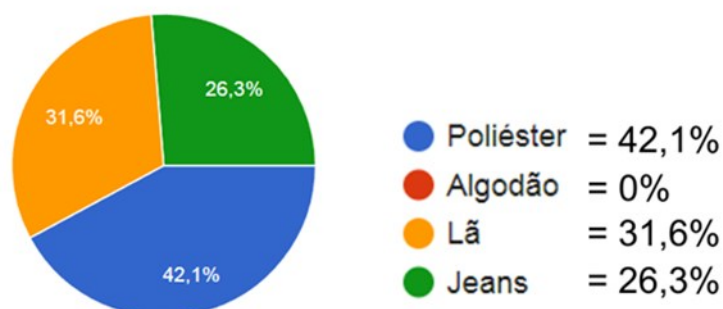
19 respostas



3. Qual o tecido que mais incomoda?

Qual o tecido que mais incomoda?

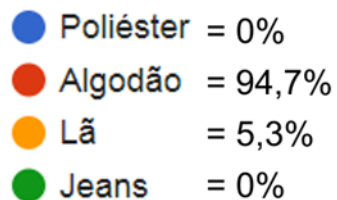
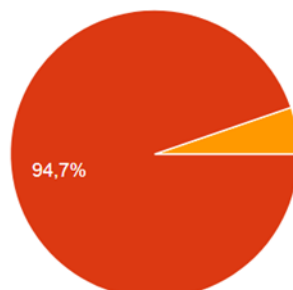
19 respostas



4. Qual o tecido que menos incomoda?

Qual o tecido que menos incomoda?

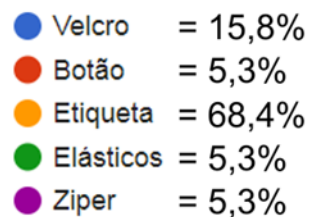
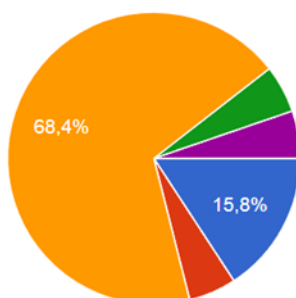
19 respostas



5. Quais aviamentos mais incomoda?

Quais aviamentos mais incomoda?

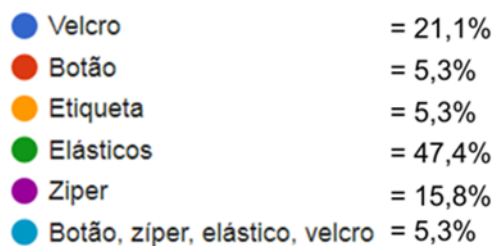
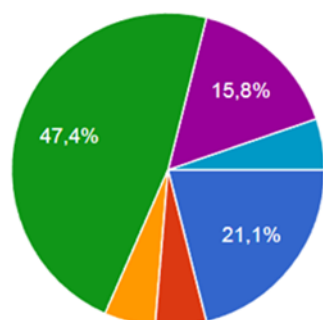
19 respostas



6. Quais aviamentos menos incomoda?

Quais aviamentos menos incomoda?

19 respostas



7. O que você acha que mais incomoda na modelagem das roupas que são encontradas hoje?

O que você acha que mais incomoda na modelagem das roupas que são encontradas hoje?

19 respostas



8. Qual a preferência da sua criança com relação as cores, qual a preferida?

Qual a preferência da sua criança com relação as cores, qual a preferida?

19 respostas



9. Com relação as estampas, sua criança gosta?

Com relação as estampas, sua criança gosta?

19 respostas

